

# Pessoas e Lugares



O Festival Urbano Pedras d'Água<sup>9</sup> propôs novas estratégias de ocupação e intervenção na cidade, testando procedimentos de criação e uma via de comunicação com comunidades que normalmente não fazem parte daquilo que se considera “o público da dança contemporânea”.

A escolha epistemológica do Festival já se fez evidente de saída, ao optar por uma concentração de atividades nos bairros do Intendente, Mouraria e Alfama. Não se tratou, de forma alguma, de um trabalho voltado à inclusão social, mas fundamentalmente de pesquisas artísticas embasadas em relações de compartilhamento, abandonando de uma vez por todas a arrogância que norteia muitas ações paternalistas movidas pelo desejo de “alcançar” comunidades carentes que não tem acesso à arte.

Assim, os artistas participantes do projeto não se valeram das comunidades com as quais trabalharam, como quem faz um experimento com ratos em um laboratório. Estabeleceram, ao invés disso, uma relação de troca não hierárquica, dando voz aos seus parceiros.

Pedras D'Água colocou-se entre as poucas iniciativas que representam hoje, uma espécie de resistência no mercado internacional da dança contemporânea, interessando-se em primeiro lugar pelas questões propostas por artistas que compartilham a vontade de alimentar a arte como produtora de conhecimento em ambientes específicos. Ou seja, não se trata de uma dança para todos, mas de experiências que apostam na singularidade de encontros e, sobretudo, na criação de vínculos.

Tal atitude se revelou também na organização dos laboratórios e conversas que acompanharam o festival e que, desta vez em especial, aprofundaram as possíveis conexões com a filosofia. Ficou bem claro que ainda temos muito a fazer. Não é fácil afetar e ser afetado.

Embora as relações entre teoria e prática tenham sido cada vez mais valorizadas no contexto da dança contemporânea, ainda estamos aprendendo a criar conexões de modo que a prática não se apresente como uma “aplicação” das teorias estudadas, mas se reconheça como propulsora das inquietações, abolindo de uma vez por todas um dos problemas ontológicos mais clássicos da humanidade: o dualismo corpo-mente.

O Pedras D'Água deste ano deixa vestígios que nos fazem pensar não apenas na arte, mas na natureza da vida e seus processos criativos, confirmando a frase poética de Mark Twain, recentemente citada no livro A Grande História da Evolução, de Richard Dawkins:

“A história não se repete, mas rima”.

Christine Greiner  
Julho de 2009

